

Lago corre risco de virar deserto

FOTOS: RENATO COSTA



Os técnicos mostram a areia a poucos centímetros da superfície

Raimundo Rocha

Os moradores de Brasília talvez desconheçam que, ao se aventurarem em passeios pelo Lago Paranoá, seja em jet-sky ou em lanchas, estejam correndo riscos de ficarem encalhados em bancos de areia e lama. É que desde o começo de sua formação em 1958, o Lago perdeu mais de sete milhões e 320 mil metros cúbicos de água — cerca de 13 por cento de seu volume total — para a areia, lama e o lodo, que repousam em seu fundo, transportados para o local por riachos e pela água das chuvas.

É como se nesses 33 anos de sua existência cerca de um milhão e 220 caminhões basculantes despejassem ali esses materiais, que aos poucos foram tomando o espaço da água e formando verdadeiras ilhas, já ameaçando ocupar os principais braços do local, como ocorre nas áreas onde desembocam os ribeirões e córregos do Riacho Fundo e Gama, na extremidade Sul, e do Bananal e Torto,

na extremidade Norte.

Volume — De acordo com estudos efetuados pela Caesb, desde 1958 — época da avaliação da área que o Lago passaria a ocupar — o volume de água caiu de 50 milhões e 910 mil metros cúbicos para 44 milhões e 255 mil em 1988, época do último grande levantamento efetuado pela companhia. Nesse período, o volume foi reduzido em cerca de dois milhões e 218 mil metros cúbicos por ano, que levam a uma perda total de sete milhões e 320 mil metros cúbicos nos 33 anos de sua existência.

Pelo levantamento, o Lago passou dos 50 milhões e 910 mil metros cúbicos de 1958 para 47 milhões e 137 mil em 1979, chegando a 44 milhões e 255 mil metros cúbicos aos 30 anos de existência. Com a média de perda de dois milhões e 218 mil por ano, chega em 1991 com uma perda de mais seis milhões e 655 mil. Seguindo essa proporção, chegará em 2085, daqui a 97 anos, com apenas 50 por cento de seu volume ori-

ginal de água. Mas, se a chegada de areia, lama e lodo continuar na proporção verificada no período de 1979 a 1988, isso ocorreria em apenas 67 anos e em 135 anos o Lago seria riscado do mapa.

Assoreamento — Esse fenômeno, chamado de assoreamento, ocorre com a sedimentação gradual da areia e outras partículas sólidas que chegam aos riachos carregadas pela chuva, que também transporta esses materiais diretamente para as bacias hidrográficas, como ocorre no Lago Paranoá.

A criação de cascalheiras e a retirada da vegetação para construção e expansão urbana ou para exploração agrícola na bacia do Paranoá são algumas das principais causas desse fenômeno, apontadas por técnicos e especialistas nessa área. Segundo o engenheiro da Divisão de Avaliação da Disponibilidade Hídrica da Caesb, Paulo Roberto Ungaretti, isso ocorre em todos os lagos artificiais como o Paranoá.